A ATIVIDADE FÍSICA E A CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE NA GRÉCIA ANTIGA

Luiz César Teixeira dos Santos*

RESUMO. O presente trabalho tem o objetivo de discutir questões ligadas à forma como foi construída a corporeidade na Antiga Grécia, tomando como referência os trabalhos de dois poetas do período (Homero e Hesíodo), nos quais fica explicitado o modo de existência e as influências que os mesmos exerceram sobre as atividades da época e o corpo dos indivíduos. A relação entre as atividades necessárias à manutenção da sobrevivência e o tipo ideal de homem era uma constante para o grego e, de fato, isto tinha um fator determinante sobre o padrão corporal. Dessa forma, parece ser importante que a Educação Física resgate estas questões ao tratar de sua própria história, uma vez que o pensamento e a forma de ser daquele período histórico ajudaram a construir os alicerces do mundo ocidental.

Palavras-chave: Educação Física, corporeidade, Grécia antiga, história, trabalho.

PHYSICAL ACTIVITY AND THE CONSTRUCTION OF BODY CULT IN ANCIENT GREECE

ABSTRACT. The present work has the objective to discuss some issues related to the way in which the body cult in Ancient Greece was built. We based ourselves upon Homer's and Hesíod's poetry in which they elicit the way of living of that time and the influences they exercised upon the activities of that period and upon the individual's body. The relationship between the necessary activities to their survival and the ideal type of man was very important to the Greeks. In fact, this relationship was allusive to corporal standards. Thus it seems very important that physical education brings into scene these issues when it tells its own history since it deals with the thoughts and the way of being of that historical period which helped construct the basis on which the western world is grounded.

Key words: Physical Education, body cult, ancient Greece, history, work.

A CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE NA GRÉCIA ANTIGA

O esforço na busca de uma compreensão sobre a sociedade atual, seu modo de organização, seus **sonhos** e sua realidade, engendra projetos importantes para a Educação Física situar-se enquanto uma **ciência** que possa colaborar no desvendar da história, percebendo seus determinantes e entendendo sua própria existência. Para isto, podem colaborar muito os estudos que tratam de assuntos (tanto os específicos que versam sobre temáticas da cultura corporal, como outros de

caráter mais abrangente) que, de algum modo, estão ligados à construção histórica do homem. É nesse sentido que um estudo voltado a uma análise do modo como se desenvolveu a corporeidade entre os antigos gregos parece adquirir importância à medida em que possa favorecer o entendimento acerca de problemáticas que permeiam a vida do homem moderno.

Analisar a corporeidade na Grécia Antiga implica fazer uma leitura de todo o modo de vida pelo qual os gregos se organizavam e a partir do qual nascia a necessidade de um corpo forte, uma musculatura de combatente e uma estética

* Graduado em Educação Física e mestrando em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

guerreira, pois as constantes lutas e guerras exigiam-lhes estes requisitos.

Ao reportarmos-nos ao corpo do herói grego, não podemos entendê-lo enquanto um padrão corpóreo intencionalmente forjado pelo homem individualmente, a partir de sua vontade. Temos que analisá-lo no contexto da época, onde o corpo forte e bem formado assume uma dimensão coletiva e responde às necessidades práticas daquele período histórico.

Quando estudamos a Grécia do século IX ao século VI antes da era cristã, observamos a emergência de cidades guerreiras, cuja base, na qual seus habitantes eram educados voltava-se para a formação de uma índole forte e combativa. Seus cidadãos eram preparados para honrar sua linhagem e jamais fugir do combate. É este espírito de guerra entre diversas tribos que habitavam o território da Antiga Grécia um dos principais fatores que contribuem para o nascimento do corpo do herói como padrão socialmente necessário. Todavia, não podemos esquecer que a própria subsistência, em todos os sentidos, inclusive a prática da agricultura em uma região acidentada, cultivada com o mínimo auxílio de animais e/ou utensílios agrícolas (ferramentas), predominando o uso da força e do trabalho humanos, também foi fator que determinou a formação de um biotipo de homem apto a responder às suas necessidades concretas.

Para entendermos melhor a temática abordada, analisaremos algumas questões presentes em dois autores (Homero e Hesíodo) que vivem nos períodos Homérico e Arcaico, respectivamente. Tentaremos refletir sobre a concepção de homem que se evidencia na forma como o corpo é retratado por esses dois personagens, analisando cada um deles, traçando paralelos entre ambos e identificando as mudanças ocorridas na transição de um período para o outro.

N'A *Ilíada*¹, o perfil do herói retratado por Homero se equipara a um semi-deus, suas conquistas e façanhas são fruto de sua índole guerreira e da bravura ostentada por um corpo condizente com tal perfil. Nas palavras de Homero, podemos notar os predicativos que valorizam e acompanham o sujeito herói:

Os Troianos aproximaram-se como aves, soltando gritos semelhante aos dos groux [...] os aqueus,

porém, avançaram em silêncio, com ardor no coração, dispostos a ajudar uns aos outros. [...] avistou-o avançando a largos passos adiante das hostes, como um leão se sente feliz quando avista uma grande carcaça, encontrando, faminto, um cervo de largos chifres ou uma cabra selvagem, e vorazmente a devora, ainda que os velozes cães e os robustos caçadores o ataquem... (Homero, s. d., p. 51). ... o veloz Aquiles perseguia Heitor [...] assim como um cão expulsa um gamo de seu esconderijo (Homero, s. d. p. 381).

A partir das citações acima, podemos notar também que na epopéia grega o homem é comparado aos grandes animais, principalmente àqueles que, por seu tamanho ou voracidade, representam o poder supremo na lei da selva. É por esta razão que alguns líderes heróicos entre os gregos tinham seu nome relacionado à figura de leões, javalis, touros e outros que ostentam força, coragem, agilidade, sagacidade, destreza e outros requisitos que, para o homem grego, no período homérico, eram fundamentais à sobrevivência. Nessa época histórica, cada homem estava condicionado por forte ligação aos traços de família. Suas lutas, conquistas ou derrotas eram compartilhadas por seu grupo familiar ou "linhagem" à qual o guerreiro pertencia. Dessa forma, as vitórias nos embates eram comemoradas com festins que normalmente envolviam algumas atividades (jogos) que apresentavam características de provar a destreza e habilidades dos participantes. Como exemplos, podemos citar as corridas a pé e as pelepas com lanças. Amiúde, os mais destacados entre os homens faziam questão de participar das provas e demonstrar suas potencialidades atléticas. Personagens como Agamenon, Ulisses, Heitor e Aquiles, citados por Homero, são exemplos desses homens vistos como heróis e considerados semi-deuses.

A tradição de valentia e a honra do tempo homérico faziam com que mesmo o corpo de um herói morto em batalha fosse respeitado pelo adversário e honrado nos funerais por seus pares. O próprio combatente, diante da batalha, se lhe exigia uma postura honrosa e de respeito. Heitor

1 A *Ilíada* foi escrita por Homero por volta do séc. IX a. C. Trata-se de uma obra que retrata a guerra entre gregos e troianos.

(n'A Ilíada) deixa isso claro quando se dirige a Aquiles e diz que:

Já não mais fugirei de ti, filho de Peleu, como antes fugi três vezes em torno da cidade de Príamo, sem poder enfrentar-te. Agora, porém, meu espírito impele-me a parar e enfrentar-te. Abater-te-ei ou serei por ti abatido. dirigamo-nos aos deuses, que serão as melhores testemunhas e fiadores das combinações. Eis que não te mutilarei horripelantemente se Zeus me der a vitória e eu tirar-te a vida. Depois de te haver despojado de tua gloriosa armadura, Aquiles, devolverei teu corpo aos aqueus. E faze tu o mesmo (Homero, op. cit., p. 382).

Observa-se que o corpo do herói era sempre respeitado, vivo ou morto, porque nele estava materializado, na mais sublime expressão humana, a figura do semi-deus.

Outro ponto de destaque é o fato de esse período histórico da humanidade ter sido berço do nascimento dos primeiros Jogos Olímpicos, sendo estes datados por volta de 776 a.C. e tendo, portanto, uma certa proximidade com a época dos fatos relatados por Homero. Esse paralelo é importante para o presente estudo porque permite relacionar o padrão de corpo exigido para o “homem homérico” com o padrão cultuado pelos “desportistas”² antigos. Todavia, embora tenham semelhanças físicas e o ideal de corpo para ambos seja o do herói, é necessário entender que o homem guerreiro age muito mais instintivamente devido à necessidade de sobrevivência. Ao contrário, o “desportista” age com intencionalidade e planeja para alcançar a vitória.

A emergência dos jogos olímpicos, de seus participantes e campeões, parece estar intimamente ligada ao desaparecimento da figura do herói pelo fato de aqueles, ou seja, os “desportistas”, serem a expressão de que haviam homens que podiam se dar ao luxo de não mais combater e, sim, competir. Entretanto, ao se

analisar o conceito ou o padrão de corpo do grego, entre os séculos IX e VI antes da era cristã, torna-se mais importante entendê-lo no contexto do qual faz parte, sendo que é a partir do mesmo que passa a ser elaborada a imagem, a forma, enfim, a concreticidade daqueles homens. Ao falarmos da representação do corpo durante os séculos citados, faz-se ainda necessário ressaltar que a forma humana, na mais bela expressão que conhecemos, começou a alcançar realismo, harmonia e equilíbrio capazes de perpetuá-la até nossos dias, principalmente a partir do século VII a. C., quando os artesãos iniciam suas descobertas com o mármore em suas esculturas.

Os artesãos e poetas do período procuravam transferir para suas obras a realidade vivida. Através da observação destas, seja no campo arquitetônico, demonstrando uma engenharia fascinante, ou nas esculturas e desenhos em cerâmica, que mostravam temas mais intimamente ligados à vida cotidiana, fica visível a força mágica do “homem homérico”. Todavia, o mais alto grau de desenvolvimento grego, na capacidade de representar a forma humana, se deu a partir do século V a. C., período este que não pretendemos abordar neste estudo.

Passaremos agora a analisar a expressão que o corpo assume em Hesíodo, poeta arcaico que vive em um momento de transição e profundas mudanças sociais. Hesíodo talvez possa ser considerado um marco entre o período homérico e o advento do período clássico, pois aponta claramente as novas diretrizes de seu tempo e se ressentia pela forma que a sociedade começava a se organizar.

Pelo fato de descrever, de modo realista, o momento em que vive, momento este em que o trabalho, e não mais a guerra, começa a ser visto como a forma ideal para se conseguir bens e melhorar as condições de existência, Hesíodo é considerado o “primeiro poeta do trabalho”, chegando a afirmar que “por trabalhos os homens são ricos em rebanhos e recursos e, trabalhando, muito mais caros serão aos imortais” (Hesíodo, 1973, p. 45)³.

2 É importante ressaltar que o conceito de “desportista” é formado a partir da idade moderna. Optamos pela utilização deste termo, no estudo, com a intenção de distinção dos diferentes tipos de homem da antiguidade.

3 HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**, tradução de Gonzales Laso, 1973.

O fato de a guerra deixar de ser a forma principal de acumular riquezas e motivos de honras e venerações aos seus participantes fez com que o corpo, preparado para a batalha, deixasse de ser uma necessidade. O corpo e suas representações vão se transformando. A musculatura exercitada nos combates cede lugar ao desenvolvimento físico correspondente aos trabalhos do camponês.

Por volta do século VII, a Grécia começa a viver um período de transformações na forma de pensar e produzir sua existência. A formação das Cidades-Estados e a necessária organização das mesmas, assim como o distanciamento da guerra nos moldes anteriores, leva os gregos a se voltarem cada vez mais para o desenvolvimento das cidades e das potencialidades econômicas e culturais, tendo como mola propulsora e fator primordial desse desenvolvimento social o trabalho. Este assume o centro para o qual devem convergir os esforços humanos, pois o entendimento que se tem é de que o trabalho é a forma mais honrada e sublime para agradar aos deuses e conquistar segurança e o bem-estar pessoal, além de garantir melhores condições de vida para os familiares daquele que trabalha com afinco.

O fato de o trabalho assumir uma dimensão importante na vida do homem fez com que o corpo desse homem acompanhasse os novos determinantes sociais. Dessa forma, observa-se no período arcaico diversas manifestações humanas que exprimem novas atitudes em relação ao corpo, além do início de uma tomada de consciência do mesmo.

Não só Hesíodo, mas diversos poetas arcaicos revelam as mudanças que estavam tomando forma na sociedade grega, entre as quais podemos destacar (além da importância do trabalho) as seguintes: o fato de a morte em batalha já não ser motivo de lembrança honrosa pelos concidadãos do guerreiro, uma vez que o mesmo tinha maior valor vivo enquanto força para ser aplicada na cidade; a subjetividade ganha importância em detrimento do “coletivo tribal” do período homérico, dessa forma as pessoas passam a viver intensamente as exigências pessoais do seu presente; a justiça torna-se importante para regular os desejos dos indivíduos; há um aumento gradativo do desregramento e da corrupção.

Estes aspectos, entre outros, passam a fazer parte do modo de vida, contribuindo com a formação de um novo homem e, conseqüentemente, um novo padrão de corpo que já não se equipara à perspectiva homérica. O corpo se enquadra ao novo homem que passa a contar com a forma histórica do trabalho. A partir de então, o homem adquire um novo corpo que responde por novas necessidades e que padece das novas condições que a vida lhe impõe. Hesíodo fala, com um certo pesar, da raça de homens que labuta e padece, sofrendo no próprio corpo os ditames do cruel, mas necessário, trabalho.

Com a mudança de uma sociedade eminentemente guerreira para uma sociedade voltada para a produção humana a partir do trabalho, o grego tem aumentada a sua expectativa de vida e começa a ter consciência da própria velhice, trazendo à tona conseqüências duras, mas ao mesmo tempo belas. Ou seja, com o afastamento da guerra, o homem tem maiores chances de uma vida longa e tranqüila. Entretanto, a oportunidade de envelhecer também oportuniza a visão do próprio envelhecimento.

Nos pontos destacados até aqui é possível identificar vários elementos que diferenciam, e deixam transparecer, o modo de vida e a organização dos gregos durante dois períodos que antecedem a época dos grandes filósofos dos últimos séculos antes de Cristo. As formas assumidas pelo corpo ou mesmo tatuadas nele a partir da lógica que a realidade encerra, podem ser resumidas fazendo-se alguns paralelos entre aspectos que diferem as épocas homérica e arcaica.

Em Homero, o corpo tem seu padrão pautado nas formas do herói, que por sua vez responde às necessidades da vida guerreira. Em Hesíodo, o corpo deixa de ter como exigência o biotipo forte e robusto, tal qual animais, e passa a prevalecer o corpo rústico, desajeitado, sem muitos reflexos, sujo, lento e passivo, voltado para o trabalho. Em Homero, o corpo é a fonte da vida, pelo menos enquanto arma para garantir a sobrevivência, e por isso ele era sempre respeitado. Em Hesíodo, a fonte da vida é o trabalho, se o homem não se voltar para o mesmo, passa a ser motivo de desonra e vergonha.

Nesse período, a forma física dos homens muda pelo fato de as condições concretas para a sobrevivência mudarem. Pode-se notar o surgimento de dois tipos básicos de homem: o

camponês e o aristocrata. O primeiro revela uma corporeidade que não se constitui em ideal de beleza para os aristocratas da época. Estes, devido às condições dadas, podem buscar nos jogos e na prática atlética o ideal corpóreo do herói, por isso há uma semelhança entre “desportista” e herói. Isto significa que a modelagem do corpo, ainda que o corpo do herói seja o tipo ideal, passa a ser feita de modo diverso, ou seja, a modelagem que os aristocratas encaminham é através dos jogos, da ginástica, da caça ... A modelagem que aqueles que perderam riquezas encaminham é a do trabalho (e que se aproxima do corpo dos escravos que começam a se multiplicar na sociedade grega). Desta forma, duas novas alternativas vão modelar a corporeidade: a ginástica e o trabalho. A ginástica para os ricos, o trabalho para os que perderam a fortuna.

Finalmente, gostaríamos de ressaltar que o estudo e a reflexão sobre os modelos de organização social que existiram na Grécia possibilitam apreender melhor o desenvolvimento posterior da humanidade e entender os caminhos que a sociedade (principalmente no ocidente) trilhou desde então.

Nesse sentido, parece ser de fundamental importância para a Educação, de modo geral, e

para a Educação Física, especificamente, a análise sobre a forma como o homem homérico e arcaico se organizava com vistas a produzir sua existência e o modo pelo qual isto se refletia em seu corpo. A Educação Física precisa considerar que a forma de viver e se organizar de uma sociedade é o que determina o modelo corporal considerado ideal, assim como as atividades a serem efetivadas em sua prática pedagógica. A história nos mostra que, em uma época dominada por guerras, o tipo ideal de homem é o guerreiro. Em outra, onde predomina a agricultura, o modelo passa a ser o do “agricultor” e/ou camponês. De modo geral é o “trabalho” dominante que dá conformação ao corpo e cria o modelo ideal a ser seguido.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRETON. Robert. **Introdução a Homero**. São Paulo: Difusão Européia do Livro/Edusp, 1968.
- HESÍODO. **Os Trabalhos e os dias**. Trad. de Antonio Gonzalez Laso. Aguilar, 1973.
- HOMERO. **A Ilíada [Narrativa]**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- Ministerio de Educación Nacional. **Líricos Griegos. Elegíacos y Yambógrafos Arcaicos** [Siglos VII – V a. C.]. Traducción por Francisco R. Adrados. Barcelona: Ediciones Alma Mater, s. d.
-